COVID-19 E DOENÇAS EMERGENTES

Brincando com fogo: o mundo continua despreparado para a próxima pandemia



Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil

59% lido

POR **Paulo Buss, Paula Reges, Danielly Magalhães e Santiago Alcazar**

PUBLICADO **12/03/2026**

O texto a seguir é uma versão ampliada do artigo publicado no jornal O Globo, em 11/3/2026, data que marca os seis anos da decretação da pandemia de Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Os autores chamam atenção para "os fatores mais profundos e interconectados que tornaram uma pandemia como essa não apenas possível, mas provável". E lembram: a Covid-19 não surgiu do nada, emergiu de uma complexa rede de perturbações ecológicas, urbanização acelerada, condições de trabalho precárias, sistemas de saúde frágeis e desigualdades socioeconômicas crescentes. "As condições políticas e econômicas que facilitam as pandemias não só se mantêm, como pioraram", alertam. Leia a versão ampliada a seguir.

Há seis anos, em 11 de março de 2020, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou a Covid-19 uma pandemia. Foi um dos momentos mais dramáticos e decisivos do primeiro quartel do século XXI. A declaração marcou não apenas uma emergência de saúde global de escala sem precedentes nos tempos modernos, mas também o início de transformações profundas e duradouras na forma como as pessoas vivem, as sociedades funcionam, as economias operam e os sistemas políticos respondem às crises.

Desde então, um vasto conjunto de literatura científica documentou os impactos sociais, econômicos, ambientais, psicológicos, tecnológicos, políticos e outros da Covid-19[1],[2]. Modos de vida inteiros foram alterados. Os sistemas de saúde foram levados ao limite. As cadeias de suprimentos falharam. As desigualdades se aprofundaram. A confiança nas instituições foi testada. A pandemia expôs vulnerabilidades estruturais que haviam sido ignoradas por muito tempo.

O que tem sido menos examinado sistematicamente, no entanto, são os fatores mais profundos e interconectados que tornaram uma pandemia como essa não apenas possível, mas provável. A Covid-19 não surgiu do nada. Ela emergiu de uma complexa rede de perturbações ecológicas, urbanização acelerada, condições de trabalho precárias, sistemas de saúde frágeis e desigualdades socioeconômicas crescentes[1,2]. A menos que esses determinantes estruturais sejam enfrentados direta e imediatamente, as populações mais vulneráveis arcarão novamente com o fardo mais pesado na próxima crise global de saúde.

As *condições políticas e econômicas* que facilitam as pandemias não só se mantêm, como pioraram. Relatórios de importantes instituições globais apontam para retrocessos democráticos, fragmentação geopolítica e declínio da confiança na cooperação multilateral[3].

A *degradação ambiental* continua. De acordo com as avaliações mais recentes do *Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma),* por meio do seu *Outlook 7*[4], as mudanças climáticas, a perda de biodiversidade, a poluição e a perturbação dos ecossistemas estão se intensificando. O modelo econômico predominante de *business as usual* continua a impulsionar a superexploração dos recursos naturais, aumentando a probabilidade de eventos de transmissão zoonótica.

Ao mesmo tempo, a *governança global da saúde* está sob pressão. A autoridade e o papel normativo da OMS foram desafiados por atores poderosos, enquanto as negociações em torno *do Acordo sobre Pandemias* e a implementação do *Regulamento Sanitário Internacional* revisado enfrentaram persistentes dissensões políticas[5]. Países poderosos como os EUA definem posicionamentos isolados e autocentrados em saúde global[6]. Em vez de consolidar uma arquitetura multilateral mais forte para preparação e resposta, o mundo está politicamente fragmentado.

As tendências financeiras são igualmente preocupantes. A ajuda oficial para o desenvolvimento e para a saúde estão em declínio[7],[8]. Os países doadores tradicionais estão reduzindo os gastos com desenvolvimento, enquanto aumentam

as despesas militares[9]. O enfraquecimento ou desmantelamento das principais agências de ajuda — principalmente a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid) — sinaliza um recuo da solidariedade internacional. Para os países de baixa e média renda, particularmente no Sul Global, essa contração no financiamento externo põe em risco os ganhos arduamente conquistados no fortalecimento dos sistemas de saúde e na preparação para epidemias.

Em vez de consolidar uma arquitetura multilateral mais forte para preparação e resposta [a pandemias], o mundo está politicamente fragmentado.

As desigualdades socioeconômicas, tanto dentro dos países quanto entre eles, continuam a aumentar[10]. A concentração de riqueza acelerou, enquanto os sistemas de proteção social permanecem inadequados[11].

A ciência da resposta a surtos nunca esteve tão avançada. Há agora um amplo reconhecimento da necessidade de operar em redes, em vez de silos, integrando vigilância, pesquisa, produção e sistemas de saúde pública[12]. Paradoxalmente, iniciativas de preparação para pandemias, como a *Missão dos 100 Dias do IPPS**[13]*** e a *Coalizão para Inovações em Preparação para Epidemias (CEPI)**[14]***, alertaram repetidamente que alcançar o acesso equitativo a diagnósticos, terapias e vacinas será cada vez mais difícil sem um compromisso político sustentado e financiamento previsível.

Uma mudança adicional complica esse cenário: a crescente securitização da saú global[15]. A saúde é cada vez mais enquadrada na linguagem e nas instituições da segurança nacional e internacional. Embora esse diálogo intersetorial possa fortalecer a preparação, ele também levanta questões críticas. Quando a saúde está inserida em estruturas de segurança, a segurança de quem é priorizada? O Norte Global e o Sul Global operam com a mesma compreensão de ameaça, risco e resposta? E a securitização corre o risco de subordinar o capital próprio a interesses estratégicos?

Seis anos após a declaração da pandemia, uma forma preocupante de amnésia coletiva parece estar se instalando. Em alguns círculos políticos, há uma negação aberta das lições da Covid-19. Em outros, há fadiga, complacência ou um desejo de "seguir em frente". Mas os patógenos não se importam com o humor político. Doenças infecciosas emergentes e reemergentes estão se acelerando, impulsionadas pelas mudanças climáticas, pela mobilidade e pela perturbação ecológica.

A próxima pandemia não é uma questão de *se*, mas de *quando*. Se ela será mais devastadora que a Covid-19 depende menos da nossa capacidade tecnológica do que da nossa vontade política. As populações do Sul Global, desproporcionalmente afetadas pelas consequências sanitárias e econômicas da Covid-19, exigem ações racionais, cooperativas e equitativas das instituições globais e das potências multipolares concorrentes. Sem um compromisso renovado com o multilateralismo, o desenvolvimento sustentável e a justiça social, o mundo está, na prática,

brincando com fogo. Os sinais de alerta são claros. A questão é se estamos dispostos a agir antes que as chamas se alastrem novamente.

Paulo M. Buss, Paula Reges, Danielly Magalhães e Santiago Alcázar **são** ***professores e pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz.***

ARTIGO

Mundo está despreparado para uma próxima pandemia

PAULO M. BUSS



Há seis anos, em 11 de março de 2020, Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou que a instituição elevara a Covid-19 à categoria de pandemia. Ela foi um dos eventos mais marcantes dos primeiros 25 anos do século XXI e transformou definitivamente o mundo, não apenas no período de sua vigência, como também depois da declaração de sua extinção, em 5 de maio de 2023. O modo de viver de pessoas e comunidades inteiras se transformou completamente e para sempre.

Sabe-se que a pandemia não foi apenas a circulação de um vírus entre bilhões de pessoas, que matou e deixou sequelas em milhões. Sua instalação se deveu a fatores ambientais, econômicos, sociais e políticos entrelaçados, que facilitaram sua rápida e devastadora propagação e que, lamentavelmente, permanecem assombrando o mundo.

Informes recentes de respeitáveis instituições globais mostram o quase apagamento ou negação da pandemia que varreu o mundo há seis anos, e a piora dos entornos que facilitaram e sustentaram a emergência da Covid-19.

As condições políticas pioraram pela fragilização do multilateralismo representado pelas Nações Unidas, pela saída dos Estados Unidos da OMS e de outras agências e acordos vitais no âmbito da ONU, como o Acordo de Paris sobre o clima e dezenas de outros.

Desigualdades de toda ordem (sociais, econômicas, ambientais) criam uma sociedade de castas — alguns megarricos e bilhões de pessoas e famílias em situação de extrema pobreza, mais vulneráveis a eventos como pandemias e outras emergências, como mostram recentes relatórios da Oxfam Internacional e do grupo do pesquisador Thomas Piketty.

As condições ambientais também pioraram, segundo o Perspectivas do Meio Ambiente Global, sétima edição, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, assim como a ampliação da sobre-exploração dos recursos ambientais do planeta e o agravamento da "tríplice crise planetária": mudanças climáticas, perda da biodiversidade e poluição aérea, terrestre e de rios, lagos e oceanos.

No âmbito da governança da saúde global, a autoridade sanitária mundial da OMS vem sendo atacada por atores poderosos, como os Estados Unidos, e o Acordo sobre Pandemias e o Regulamento Sanitário Internacional (RSI) revisado patinam em sua aprovação e implementação, diante de dissensões políticas que os dificultam desde o início.

A ajuda oficial para o desenvolvimento e a saúde está em perigosíssimo declínio, pela eliminação ou debilitação de agências de ajuda de países tradicionalmente doadores, caso dos Estados Unidos, por meio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, e da Europa, que reduz investimentos em desenvolvimento e saúde enquanto amplia gastos militares.

Iniciativas de preparação e resposta, como a Missão dos 100 Dias e a Coalizão para Inovações em Preparação para Epidemias, alertam sobre a ampliação das dificuldades de toda ordem para o alcance de seus objetivos quanto à produção de diagnósticos, medicamentos e vacinas a tempo e hora.

Em conclusão, pioraram as condições que levaram o mundo à pandemia de Covid-19. Por isso mesmo, esse quadro profundamente negativo precisa ser enfrentado com urgência.

Os países mais poderosos do mundo precisam assumir suas responsabilidades com o planeta. Países e povos do Sul Global devem ser ouvidos nas suas reivindicações por reformas nos fóruns internacionais, mas também precisam acionar uma cooperação Sul-Sul resolutiva para seus problemas. Os movimentos sociais devem se associar na pressão sobre o mundo político pelas transformações necessárias.

Sem um compromisso renovado com o multilateralismo, o desenvolvimento sustentável e a justiça social, o mundo está, na prática, brincando com fogo. Os sinais de alerta são claros. A questão é se estamos dispostos a agir antes que as chamas se alastrem novamente.

Paulo M. Buss, professor emérito e coordenador do Observatório de Saúde Global e Diplomacia da Saúde da Fiocruz, é integrante titular da Academia Nacional de Medicina

[1] World Health Organization (WHO). *Coronavirus disease (COVID-19) pandemic.* Access: https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019 Accessed: Jan 20, 2026.

[2] The Lancet. *COVID-19 Resource Centre.* Access: https://www.thelancet.com/coronavirus Accessed: Jan 20, 2026.

[3] World Economic Forum (2026). *The Global Risks Report.* Access: WEF_Global_Risks_Report_2026.pdf. Accessed: Jan 20, 2026.

[4] United Nations Environment Programme (UNEP) (2025). *Global Environment Outlook 7: A future we choose – Why investing in Earth now can lead to a trillion-dollar benefit for all*. Nairobi. Access: https://wedocs.unep.org/handle/20.500.11822/49014 Accessed: Jan 20, 2026.

[5] Ver os informes do *GT Fiocruz/USP sobre Acordo sobre Pandemias e Reforma do RSI* em: https://saudeglobal.org/

[6] US Department of State (2025). *America First Global Health Strategy.* Acesso: https://www.state.gov/wp-content/uploads/2025/09/America-First-Global-Health-Strategy-Report.pdf

[7] The Lancet (Richard Horton, ed.). *Offline: Health—the forgotten foreign policy goal*. Acesso: Offline: HealthÃ¢â‚¬â€the forgotten foreign policy goal

[8] The P4H Network. *Official development assistance for health: an expected 40% reduction* Acesso:

Official development assistance for health: an expected 40% reduction – P4H Network

[9] United Nations. *The Security We Need: Rebalancing Military Spending for a Sustainable and Peaceful Future* – Report of the Secretary-General. Acesso: https://front.un-arm.org/Milex-SDG-Study/SG_Report_TheSecurityWeNeed.pdf

[10] Moshrif, R.; Piketty, T. et al. (2026). *World Inequality Report 2026*, World Inequality Lab. wir2026.wid.world. Acesso: https://wir2026.wid.world/www-site/uploads/2026/01/World_Inequality_Report_2026.pdf

[11] OXFAM International (2026). *Resisting the Rule of the Rich: Defending Freedom Against Billionaire Power.* Acesso: https://oi-files-d8-prod.s3.eu-west-2.amazonaws.com/s3fs-public/2026-01/EN%20-%20Resisting%20the%20Rule%20of%20the%20Rich_0.pdf

[12] Ver, por exemplo: *Manual de Resposta Nacional a Surtos da Rede Global de Alerta e Resposta a Surtos* tradução ao português em: manual-de-resposta-nacional-a-surtos-da-rede-global-de-alerta-e-resposta-a-surtos-4.pdf

[13] International Pandemic Preparedness Secretariat (IPPS) (2026). *100 Days Mission Implementation Report Progress in 2025 & Priorities for 2026*. Acesso: https://d7npznmd5zvwd.cloudfront.net/prod/uploads/2026/01/IPPS_Implementation-Report-2026_V6-WEB.pdf

[14] Coalition for Epidemic Preparedness Innovations (CEPI) (2025). *CEPI 3.0 Strategy (2027-2031)*. Acesso: https://static.cepi.net/downloads/2026-02/CEPI%203.0%20Strategy%20Report%20DIG%20ENG%20FINAL.pdf

[15] Antoine Flahault, Didier Wernli, Patrick Zylberman and Marcel Tanner. From global health security to global health solidarity, security and sustainability. Bull World Health Organ. 2016 Dec 1;94(12):863. doi: 10.2471/BLT.16.171488

Tags #CORONAVÍRUS #covid-19 #multilateralismo #Pandemia #Paulo Buss #SAÚDE GLOBAL